

Porto Alegre, 05 de março de 2013.

Caro amigo Luiz Olyntho.

Apesar de ser poeta e ter lidado com questões jurídicas, onde participei apaixonadamente em defesa dos direitos humanos, sempre gostei de ler ensaios, ou da **arte da descrição discreta**. A interpretação de um texto abre-lhe veredas. E tu exerces como poucos essa arte. Ler um livro e, depois, tornar a lê-lo pela leitura de outrem, tira o livro das bibliotecas, quando ele é entregue a sua vocação de caminhar, sendo reescrito pela cadência dos passos daquele que o tirou da inércia da catalogação.

E tu, meu amigo, fazes do texto um prisma de várias cores, uma cachoeira de inúmeras vertentes. E dá gosto de ver o que vês, de ouvir o que ouves, de sentir como sentes, diante daquelas palavras que merecem eclodir. Quando citas algum autor ou algum personagem, não o fazes por erudição, pois eles se apresentam vívidos, quase palpáveis, à nossa presença. Há algo próprio à tua escrita que nos faz **transitar da realidade à linguagem**, mas não nos deixa **morar para sempre nos tropos da retórica** para retornarmos à cotidianidade da existência fortalecidos e irmanados pela Paixão do Sentido.

Somos seres que não se contentam com a parentela do sangue e procuram por seus parentes do espírito, pela afinidade e empatia na escolha de rumos, que, especialmente nos livros, falam, apesar dos vários idiomas, a mesma linguagem. Foi uma alegria hospedar os teus convidados.

Com o forte abraço,

Maria Carpi

Numa primeira leitura de **Um Elefante em Albany Street**